

**Data:** 21.02.2012

**Título:** O elogio de John Malkovich a Raul Ruiz

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Cultura

**Pág:** 32;11



Área: 309cm<sup>2</sup>/ 16%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4016568

## “Os actores amavam Raúl Ruiz porque ele amava os actores”

Lucinda Canelas

Malkovich esteve em Portugal para rodar filme que o realizador chileno deixou por fazer. E contar histórias

● Chega ao telemóvel, muito informal, despidendo o casaco como se estivesse numa sala que lhe é familiar. À sua espera estão centenas de pessoas - o bar da Fnac Chiado é pequeno quando o convidado é John Malkovich.

O público está lá para ver o actor que foi o amargurado Mr. Will de *Lugares do Coração* (Robert Benton, 1984); o repórter Al Rockoff de *Terra Sangrenta* (Roland Joffé, 1984), o sedutor visconde Sébastien de Valmont de *Ligações Perigosas* (Stephen Frears, 1988), o professor que acredita que Shakespeare nasceu em Espanha de *O Convento* (Manoel de Oliveira, 1995), e o fragilizado barão de Charlus de *O Tempo Reencontrado* (Raúl Ruiz, 1999).

Foi precisamente Ruiz que fez o actor norte-americano regressar a Lisboa para trabalhar em *As Linhas de Torres*, o filme que o realizador chileno deixou por fazer quando morreu, no ano passado, numa altura em que o seu último título, *Mistérios de Lisboa*, recebia elogios da crítica e do público (o filme está a feito pela sua mulher, a cineasta Valeria Sarmiento).

“Raúl era uma pessoa especial”, começou por dizer a Paulo Branco, que moderou ontem a conversa entre o actor e o público, na qualidade de produtor de vários filmes do chileno e de Oliveira, realizador com quem Malkovich gosta de trabalhar. “Era o pensador mais independente que conheci no cinema.” Ao longo de 40 minutos, Malkovich recordou vários episódios da sua relação com Ruiz,

que conheceu nos anos 90 e com quem rodou, para além de *O Tempo Reencontrado*, *As Almas Fortes* e *Klimt*. Falou da sua imensa cultura, da sua “visão singular” e do seu amor pelos actores: “Os actores amavam-no porque ele amava os actores, o que, obviamente, não acontece com muitos realizadores”, disse Malkovich, reconhecendo que filmar com o chileno era sentir de perto o seu olhar atento e inteligente, o seu “bom gosto”. Trabalharam pela primeira vez juntos em *O Tempo Reencontrado*, a partir de Proust, o que representou um imenso esforço para o actor americano, que à data não falava francês. No primeiro dia de rodagens, a uma pergunta de Malkovich sobre uma garrafa de água, feita a custo, Ruiz deu uma resposta de meia hora que envolvia umas árvores que perdiam as flores em Junho... “Nunca deu uma resposta directa a nenhuma pergunta que lhe fiz. Nunca”, disse entre risos.

A proximidade da literatura, o humor e sobretudo a singularidade do olhar é o que aproxima o chileno de

Oliveira. Para Malkovich, há algo de “perverso” e “chocante” na forma como o realizador português conta histórias. Para dar um exemplo, descreve ao pormenor uma cena de *O Princípio da Incerteza*, coreografando com as mãos os movimentos lentos da erva sobre a encosta, como se quisesse que o público recordasse aquele longo plano de Oliveira. “Se eu viver até aos 104 [Manoel de Oliveira fará 104 em Dezembro], não me espantarei se ele ainda estiver a fazer um filme por ano. Há ali qualquer coisa estranha...”

Perdendo alguma da timidez inicial, o actor recordou o dia em que assistiu ao salto atlético de Oliveira para entrar num cemitério na Arrábida aos 87 anos e a forma como ele convenceu uma equipa que fazia segurança no Tejo, num dia de rodagem com ondas grandes, de que o americano era praticamente um nadador olímpico. “É por causa de pessoas como o Manoel e o Raúl que somos capazes de acreditar que a vida é linda.”



Malkovich filmou em Lisboa *As Linhas de Torres*